

REVISTA CIGARRA: CENÁRIO SOCIAL DE NATAL NOS ANOS DE 1920

Isabel Cristine Machado de Carvalho • Mestre em Educação. Professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar. E-mail: isabelcristine@unp.br

Data de Envio: março de 2012.

Data de Aceite: abril de 2012.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo reconstituir o cenário social e intelectual da sociedade natalense, por meio das práticas jornalísticas em Cigarra, publicação de destaque na década de 1920. Dirigida pelo jornalista Aderbal de França, a revista teve diversos colaboradores, entre eles: Edgar Barbosa, Luís da Câmara Cascudo, Ewerton Cortez, Damasceno Bezerra, Palmyra Wanderley e Jorge Fernandes. Utilizamos como fonte as cinco edições produzidas da Cigarra (1928-1929), entrevistas com historiadores, visitas aos arquivos, às bibliotecas particulares de historiadores e jornalistas, os jornais da época, livros e fotografias. Observamos que a publicação registrava os aspectos progressistas pelos quais a cidade e o país estavam vivendo. O intuito era construir uma nova forma de expressão. O periódico agregava esse tom de vanguarda tornando-se, portanto, a revista moderna de Natal.

Palavras-chave: Imprensa. História. Cigarra. Sociedade. Rio Grande do Norte.

CIGARRA MAGAZINE: NATAL SOCIAL SCENE IN THE 1920S

Abstract: This article aims to reconstruct the social and intellectual society of Natal through the journalistic practices in Cigarra, publication of prominence in the 1920s. Directed by journalist Aderbal de França, the magazine had several employees, including: Edgar Barbosa, Luís da Câmara Cascudo, Ewerton Cortez, Damasceno Bezerra, Palmyra Wanderley e Jorge Fernandes. It was used five editions of the Cigarra (1928-1929), interviews with historians, visits to archives, private libraries of historians and journalists, the newspapers, books and photographs. We note that the publication recorded by progressive aspects which were the city and country living. The aim was to build a new form of expression. The journal aggregated forefront ideas as it became a modern magazine for Natal.

Keywords: Press. History. Cigarra. Society. Rio Grande do Norte.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo nasceu do desdobramento da pesquisa *Uma busca nos arquivos: a história da imprensa norte-rio-grandense (1832-1950)*, finalizado em 2008, apoiado pelo Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP) da Universidade Potiguar, instituição na qual leciono, entre outras disciplinas, História e Atualidades do Jornalismo no Curso de Comunicação Social. Além do coordenador do projeto, prof. Manoel Pereira da Rocha Neto, e das bolsistas, Heloiza Magalhães, Mariana Vieira e Roberta Maia¹⁸, o mesmo teve a participação dos alunos da disciplina História do Jornalismo. Esses discentes realizaram uma pesquisa documental nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN) e no Centro de Documentação cultural Solar João Galvão de Medeiros.

O referido projeto tinha entre seus objetivos traçar perfis de jornais e jornalistas do Rio Grande do Norte, a fim de construir suas histórias e preservar suas memórias, bem como disponibilizar material de pesquisa para professores, pesquisadores, historiadores e estudante de Jornalismo, além de fomentar a pesquisa na área da Comunicação Social.

Em agosto de 2006, durante o percurso das pesquisas, deparamo-nos com a revista *Cigarra*, dedicada às letras, à sociedade, ao esporte, à economia, à aviação, que circulou, em Natal, em 1928 e 1929. De imediato, ficamos seduzidos pelo material jornalístico. No entanto, naquela ocasião, tínhamos como objetivo de pesquisa apenas catalogar os periódicos encontrados (entre eles a revista *Cigarra*), buscando construir um banco de dados capaz de balizar o trabalho dos historiadores e dos cientistas da comunicação no Rio Grande do Norte, dentro do período das comemorações dos 200 anos de imprensa no Brasil, comemorado em 2008.

A descoberta desses materiais jornalísticos deixou rastro de curiosidade e inquietação. Tínhamos a imensa sensação de que algo no futuro deveria ser realizado com aqueles exemplares.

E foi assim que, em 2010, demos início a mais uma empreitada: a pesquisa intitulada *A contribuição de Maria do Céu Pereira Fernandes na imprensa norte-rio-grandense* (dé-

18 A bolsista foi responsável pelo ensaio sobre a revista *Cigarra*, sob a orientação dos professores Manoel Pereira da Rocha Neto e da profa. Isabel Cristine Machado de Carvalho (colaboradora do projeto). O mesmo é intitulado *Cigarra (1928): a revista modernista*, publicado no livro *Uma busca nos arquivos: a história da imprensa norte-rio-grandense*. Tal ensaio contribuiu para a construção deste texto.

cada de 1930). O estudo teve como objetivo analisar a produção jornalística de Maria do Céu Pereira Fernandes no jornal *O Galvanópolis*, que circulou, em Currais Novos, nos anos de 1931 e 1932.

Cumprido e finalizado esse trabalho de pesquisa, em 2011, a semente do aprendizado, plantada durante todo o percurso, precisava agora crescer e multiplicar. E é por esse motivo que nos debruçamos sobre a revista *Cigarra*. Durante as recentes discussões sobre a história da imprensa norte-rio-grandense no curso de Jornalismo da Universidade Potiguar – UnP, sentimos que, ainda, havia uma lacuna sobre o tema, limitando o conhecimento de estudantes de jornalismo e pesquisadores sobre a trajetória do jornalismo e da história dos impressos no Rio Grande do Norte. Portanto, achamos oportuna a realização desta pesquisa, com o objetivo de ampliar o aprendizado acadêmico, por meio do conhecimento dessa revista que marcou o percurso da imprensa local.

Em 1808, nasceu a imprensa no Brasil. Nesse período, não se acreditava que fosse possível transformar o ofício da notícia numa profissão juridicamente reconhecida e socialmente legitimada. No Rio Grande do Norte, o primeiro periódico surgiu um pouco mais tarde, em 1832. Através do idealismo do Padre Francisco de Brito Guerra, *O Natalense* tornou-se o pioneiro da imprensa potiguar.

Barbosa e Morel (2012) afirmam que,

Na tradicional historiografia identificada como historicista, a imprensa aparecia em geral como fonte privilegiada na medida em que era vista como portadora dos ‘fatos’ e da ‘verdade’. Em seguida, com a renovação dos estudos históricos e a ênfase numa abordagem que privilegiava o sócioeconômico, a imprensa passou a ser relegada à condição subalterna, pois seria apenas ‘reflexo’ superficial de ideias. A subsequente renovação historiográfica, com destaque às abordagens políticas e culturais, redimensionou a importância da imprensa, que passa a ser considerada como fonte documental (na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas) e também como agente histórico que intervém nos processos e episódios, não mero ‘reflexo’.

De acordo com Capelato (1994, p.3), os jornais são fontes históricas, como, também, “manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através do tempo”. Contudo, Barbosa (2007, p.4) alerta que

É preciso perceber que qualquer história é reinterpretação, reinvenção, reescritura. Não há possibilidade de recuperação do passado tal como ele se deu: o passado é inteligível nas fimbrias das narrativas que ele mesmo compôs. O que o historiador faz é um ato ficcional, não no sentido de que aquilo que descreve não tenha se dado, mas considerando sempre o grau de invenção, composição, interpretação, inserção do sujeito pesquisador que compõe a história a ser interpretada. Não há possibilidade de isenção diante de qualquer construção humana.

Capelo (1994) assinala, por sua vez, que os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana, tornando-se material útil nas análises econômicas, nos estudos sobre as condições de vida, relações e lutas sociais numa determinada sociedade.

Dentro do recorte cronológico definido, o século XX, trata-se, então, de trabalhar as relações entre os estudos históricos e a imprensa, destacando dois eixos principais.

De um lado, as discussões teóricas e definições metodológicas do trabalho do historiador diante da imprensa; e, de outro, a construção de histórias da imprensa para o período no Rio Grande do Norte. As referências teóricas situam-se no campo da chamada Revolução Imprensa, isto é, os estudos sobre a imprensa na Revolução Francesa, moldados pela nova História Cultural através de Darnton e Roche (1996); as práticas cotidianas, por meio dos conceitos de Certeau (1982); as práticas culturais, compreendidas por Chartier (1990) como uma maneira de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e dada a ler; e uma leitura crítica dos textos clássicos, na historiografia brasileira, sobre imprensa, com destaque para Sodré (1999), Rizzini (1977) e Lima Sobrinho (1923) serviram de fundamento para leitura e análise da revista. Levando-se, também, em conta abordagens mais recentes sobre a História da Imprensa no Brasil, dando ênfase para Capelato (1994) e Barbosa (2007), a partir das premissas e abordagens da história cultural sobre a imprensa e considerando as especificidades dos veículos impressos do século XX.

Ciente dessa importância, o historiador pernambucano, Alfredo de Carvalho, no início do século XX, sob a proteção do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, empreendeu a primeira pesquisa articulada a respeito da imprensa brasileira. Estabeleceu-se, portanto, em um *corpus* documental que possibilitou aos novos pesquisadores da mídia impressa um campo a ser desvelado no tocante à historiografia. Seguindo o exemplo do historiador pernambucano, este projeto tem como objetivo reconstituir o cenário social e intelectual da sociedade natalense por meio da revista Cigarra (1928-1929), intensificando o seu uso por parte da comunidade acadêmica e da sociedade em geral. Somente assim será possível preservar a memória daqueles periódicos que construíram a opinião pública e fortaleceram a democracia no Brasil.

A história, como toda forma de conhecimento, procura desvendar, revelar e sistematizar relações desconhecidas e, nesse caso, pouco se sabe sobre a revista e sobre o jornalista Aderbal de França, diretor da Cigarra. O recorte histórico do presente trabalho é marcado por mudanças que passavam o país. O início do século XX passa por momentos de intervenção na área urbana, transformando o ritmo de vida e valores da sociedade potiguar.

2. CONFIGURANDO O ESPAÇO

Diversas cidades brasileiras acompanharam o processo de desenvolvimento do capitalismo industrial, a exemplo das cidades europeias, entre elas, Londres e Paris. No cenário parisiense, por exemplo, é possível observar situações, símbolos característicos específicos da vida moderna:

Os novos bulevares permitiram ao tráfico fluir pelo centro da cidade e mover-se em linha reta, de um extremo a outro — um empreendimento quixotesco e

virtualmente inimaginável, até então. Representavam apenas uma parte do amplo sistema de planejamento urbano, que incluía mercados centrais, pontes, esgotos, fornecimento de água, a Ópera e outros monumentos culturais, uma grande rede de parques. Os bulevares criaram novas bases econômicas, sociais, estéticas. No nível da rua, elas enfileiravam em frente a pequenos negócios e lojas de todos os tipos e, em cada esquina, restaurantes com terraços e cafés nas calçadas. Esses cafés passaram a ser vistos, em todo o mundo, como símbolos de *la vie parisienne*. As calçadas, como os próprios bulevares, eram extravagantemente amplas, juncadas de bancos e luxuriosamente arborizadas. Todas essas características ajudaram a transformar Paris em um espetáculo particularmente sedutor, uma festa para os olhos e para os sentidos. (BERMAN, 1986, p. 146-147).

Tais intervenções públicas e administrativas provocaram mudanças em seus perfis e configurações físicas. Essas transformações também chegaram à cidade de Natal, capital política e administrativa do Estado do Rio Grande do Norte.

Em meados de 1900, sob a segunda administração de Alberto Maranhão¹⁹, segundo Mariz e Suassuna (2002, p. 229), “iniciou-se uma grande dinamização da administração, com contratos e execuções de obra que se traduzem como uma verdadeira revolução”.

Ao final do seu mandato, em 1914, a cidade contava com várias obras em andamento e outras já realizadas. Natal possuía a Usina elétrica de oitizeiro e todas as instalações dela decorrentes; iluminação de toda a cidade com luz elétrica²⁰ substituição dos bondes puxados por animais por bondes elétricos; abastecimento de água; rede telefônica e forno para incineração de lixo. Tivemos ainda, a construção da balaustrada da avenida Junqueira Aires, com 103 metros de extensão, 10 candelabros e belo relógio decorativo, elétrico, tudo fabricação das oficinas Val D’Osne de Paris; Monumentos em bronze de Pedro Velho e Augusto Severo em praças do mesmo nome. Foi reconstruído o Teatro Carlos Gomes, dando-lhe as feições atuais e adaptando-o para os grandes espetáculos, com acomodações e salão para concertos e conferências. A população foi beneficiada com o Plano de avenidas largas, que receberam o nome dos Presidentes do Brasil as que ficavam no sentido horizontal ao rio Potengi e o nome de rios para as

19 Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão nasceu em Macaíba, no dia 2 de outubro de 1872 e morreu em Parati, no Rio de Janeiro, no dia 01 de fevereiro de 1944. Em 14 de junho de 1899, foi eleito governador do Estado, no período de 1900 a 1904. No dia 24 de março de 1904, inaugurou o Teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão). Em 1908 voltava a assumir o governo do Estado. De sua passagem como governador, especialmente da segunda vez, deixou um grande número de obras e benfeitorias públicas na capital, nas áreas de serviços hídricos, energéticos e de transporte coletivo. (CARDOSO, 2000, p. 33).

20 Até então a iluminação da cidade era com acetileno. A Empresa de Iluminação a Gás Acetileno, gerida pelo farmacêutico Francisco Gomes Vale Miranda, inaugurou os serviços na noite de 29 de junho de 1905. Em novembro do mesmo ano, o acetileno brilhava na Cidade Alta. Cada bico valia quinze velas e ficava a trinta metros um poste do outro. Três dias antes e três dias depois da lua cheia, apagava-se a luz. A Empresa de Iluminação transformou-se na Empresa de Melhoramentos do Natal, com a firma Vale Miranda & Domingos Barros. O governador Alberto Maranhão fizera um empréstimo na França, primeiro e único, podendo contratar as modificações da cidade. A empresa trouxe os bondes elétricos e a luz que se obtém torcendo o interruptor. Em 2 de outubro de 1911, os bondes correram com as lanças nos fios e as primeiras lâmpadas brilharam nas ruas e residências da Ribeira e Cidade Alta. (CASCUDO, 1999, p. 301).

que se localizam no sentido vertical, denominação que vigora até os dias atuais, além da abertura de 10 avenidas suburbanas no prolongamento do bairro Cidade Nova até o fim do perímetro do patrimônio municipal.

O mandato do seu sucessor, Ferreira Chaves, que governou o Estado, pela segunda vez, de 1914 a 1920, coincidiu com a eclosão da Primeira Grande Guerra Mundial (1914 – 1918). Durante os anos correspondentes à guerra, o Estado do Rio Grande do Norte vivencia um surto algodoeiro. “Esse produto assumiu uma posição de grande destaque na economia estadual, tornando-se o principal produto de exportação, com uma alta significação na renda do Tesouro Estadual. A sua contribuição para o erário público oscila entre 50 e 70%” (MARIZ; SUASSUNA, 2002, p. 232).

Durante esse período, segundo Dias (2003, p. 56), “o país passou por um processo de industrialização, pois estava difícil importar determinados produtos e a solução era produzi-los no País”. Tal conjuntura contribuiu para o processo de modernização e progresso, que ganha um ritmo acelerado na década seguinte.

Na segunda década do século XX, a cidade de Natal compunha um cenário moderno: um número maior de pessoas transitava em bondes elétricos, vestia-se com o que existia de mais atual na moda francesa ou inglesa e frequentava o teatro e o cinema.

Segundo Moraes (2001, p. 17), “em 1920, o Estado do Rio Grande do Norte contava com 537.135 mil habitantes e a população de Natal, girava em torno de 30.696, ou seja, 5,71% da população total”.

A história da cidade de Natal teve como cenário, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, a Cidade Alta, bairro exclusivamente familiar, onde abrigava o grosso da população urbana. Nele, estavam o Palácio do Governo, o Conselho Municipal, o Royal Cinema, o Mercado Público, o Atheneu, a praça Sete de Setembro, a Polícia Militar, a Catedral e o Superior Tribunal e a maior parte das igrejas. “A Ribeira ou Cidade Baixa, como era chamada à época, conservou os grandes hotéis da época, as casas comerciais, farmácias, clubes de danças, armarinhos e alfaiates” (CASCUDO, 1999, p. 155).

Araújo (1998, p. 134) afirma:

A Ribeira desenvolveu-se a partir do movimento da estação da Estrada de Ferro e do Cais do Porto. Os armazéns de compra e venda de açúcar e algodão para exportação trouxeram a instalação de limitadas indústrias, escritórios de firmas inglesas e americanas, bancos, hotéis, casas residenciais e comerciais, repartições públicas, estaleiros, cabarés, bares, redações de jornais, escolas, teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão) e o primeiro cinema da cidade, o Polytheama²¹.

21 De acordo com Cascudo (1999, p. 318), “o Polytheama foi inaugurado em 8 de dezembro de 1911. Ele estava localizado na praça Augusto Severo. Seu nome foi escolhido por eleição popular pelas páginas do jornal *A República*”.

O crescimento da população exigia, gradativamente, transformações urbanas da cidade. Dessa forma, em Natal, projetos de modernização começavam a ser executados. Fez-se necessário a formação de novos bairros: Cidade Nova, Alecrim e Rocas.

A aglomeração e concentração excessiva da população geravam preocupações. Por isso, o Conselho Municipal resolve, através da Resolução 55, editada pela Intendência Municipal da Capital, criar o bairro Cidade Nova (formado pelos atuais Petrópolis e Tirol). “Essa resolução, além de propor a expansão da cidade como alternativa à tendência de concentração do centro urbano e as suas precárias condições de salubridade, apresentava o modelo de avenidas retilíneas e arborizadas, conceitos urbanísticos em voga no período” (DIAS, 2002, p. 13).

O bairro Cidade Nova, terceiro da cidade do Natal, inicialmente era formado pelas avenidas Marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes e Campos Sales, em homenagem aos presidentes que tivera o país até aquele momento. Elas seriam cortadas por seis ruas com os nomes dos principais rios do Rio Grande do Norte. São eles: Seridó, Trairi, Potengi, Mipibu, Assu e Mossoró. Para Lima (2001, p. 40), o plano da Cidade Nova

Trata-se simplesmente de um plano de expansão urbana com uma malha em xadrez, que deixou a cidade existente intocada na sua forma histórica de crescimento irregular. A esta cidade foi acrescentado um novo tecido regular, em xadrez, que procurou, onde foi possível, se constituir como um prolongamento das vias existentes. Além das ruas, avenidas e quarteirões que compõem a atual praça Pedro Velho (ou praça Cívica) é único equipamento urbano que se distingue no espaço indiferenciado na trama em xadrez. O plano da Cidade Nova estabeleceu um padrão espacial para a cidade situada à margem direita do rio Potengi, constituído por um conjunto de eixos viários paralelos e perpendiculares definidos no sentido norte-sul e leste-oeste, respectivamente, e definiu a forma predominante de estruturação da cidade do Natal.

Idealizado de acordo com a época, o processo de urbanização, através da Cidade Nova, tinha um caráter modernizador. Trazia aspectos que buscavam a organização do espaço da cidade, tão desejada pela elite local. Constituíam-se por largas avenidas e ruas bem arborizadas, com lindos *Chalets* elegantes e confortáveis. Dias (2002) nos mostra que a criação desse novo espaço urbano se constituiu em uma dupla solução para o desejo de auto segregação das classes dominantes, pois, por um lado, superaria o antigo desenho irregular originário da cidade colonial, onde as classes sociais conviviam, praticamente, no mesmo espaço; e, por outro, serviria como refúgio, onde as classes dominantes poderiam se proteger do contato com as péssimas condições ambientais e das epidemias que se expandiam pela cidade.

Na obra de Câmara (1923), *Scenários Norte-Riograndenses*, encontramos a representação urbana de Natal, nos anos vinte. Nessa perspectiva, o autor revela, além do bairro Cidade Alta, o bairro do Alecrim, formado pelo operariado, muito povoado, onde se encontra o cemitério público e o Grupo Escolar Frei Miguelinho; as Rocas, construído sobre dunas, localizado próximo à Ribeira, habitado, também, por operários e pescadores.

É, portanto, nessa configuração, que está inserida a revista Cigarra, ou seja, diante das incessantes transformações e tensões que estavam se instalando na sociedade natalense. O projeto de mudança perpassa, por exemplo, pelas construções de edifícios na cidade, demonstrando beleza e suntuosidade, que deviam ser capazes de possibilitar uma atmosfera que trilhava para uma era de progresso.

Segundo Dias (2002, p. 15), “para o governo e a elite que o apoiava, tornara-se prioritário promover a realização de obras capazes de garantir a elevação do padrão de desenvolvimento da cidade do Natal”. Havia, no entanto, uma pequena oposição a essas reformas urbanas, mas esse reduzido grupo opositor não tinha forças suficientes para mudar os planos de modernização da cidade e da sociedade.

Galvão (1996), refletindo sobre o posicionamento tradicionalista, afirma que essa atitude forma uma barreira, impedindo que Natal pudesse figurar como uma cidade mais moderna. É o que se observa, quando ela afirma “neste período verifica-se a todo o momento, a tensão que se estabelecia entre o tradicionalismo e o mundo moderno, os valores do velho mundo e o desejo das renovações estéticas” (GALVÃO, 1996, p. 109).

A cidade começava a aderir às transformações da paisagem urbana local, que surgia através das intervenções nas praças e jardins, edificações de prédios públicos e reformas residenciais, representadas por uma arquitetura arrojada.

Na década de 1920, o Estado do Rio Grande do Norte conhece a administração de dois políticos, que, em parte, foram responsáveis pela solidificação das propostas de modernização. Essas personalidades são o governador Juvenal Lamartine e o prefeito de Natal Omar O’ Grady. Foi no ano de 1929 – durante a administração de seus governos – elaborado o plano urbanístico do arquiteto italiano Giacomino Palumbo, uma proposta inédita na época, principalmente pela sua concepção e ousadia. A partir desse projeto, mudava-se o traçado das vias públicas, ordenava-se o trânsito e eram melhoradas as condições de habitação.

Numa época em que o automóvel era um veículo raro, traçaram-se largas áreas de rolamento e os bairros do Tirol e Petrópolis tornavam-se endereços nobres. “A cidade abria-se para o mar, protegida pela cadeia de dunas, numa muralha natural paralela à linha costeira, batida pelos ventos alísios que tornam ameno o clima natalense” (MELO FILHO, 2000, p. 24).

As transformações, entretanto, não acontecem apenas nas estruturas físicas da cidade. Os hábitos e os costumes locais começam a se modificar, refletindo na vida social das pessoas. É através da imprensa que a população norte-rio-grandense tem acesso às expectativas de transformações que a chegada do novo século vinha provocando.

A imprensa natalense, seguindo os passos da imprensa nacional, veiculava e reproduzia, diariamente, o que vinha acontecendo no mundo e nas principais capitais do país, em relação à economia, à conjuntura política e à vida cultural e social, através dos principais jornais locais A República e Diário de Natal. Nesse sentido, a imprensa local, também, procurava acompanhar os passos da modernidade, equipando-se de in-

fraestrutura material e intelectual para a divulgação de suas informações, satisfazendo aos avanços do público, cada vez mais desejoso em estar atualizado com os acontecimentos. Nos anúncios publicados pela imprensa, palavras como conforto, moderna e elegante enfatizam e revelam aspectos de renovação propostos pela modernidade.

Merece registro especial a expressão cultural das primeiras décadas do século XX, no município de Natal, pois contribuíram para a memória da atividade literária local e norte-rio-grandense. A imprensa local ganha notoriedade através de *O Batel* (1913 – 1918), *O Povir* (1926 – 1929), *O Progresso e o Ninho das Letras* (1935), *O Nego* (1932), *Revista Literária*, *a Voz do Sertão* (1930) e *Cigarra* (1928-1929), objeto de estudo desta pesquisa, e sobre a qual levantamos as seguintes questões: qual a contribuição da *Cigarra* nesses contextos de mudanças? Qual sua importância no cenário da imprensa local? Quem foi Aderbal de França, diretor da revista? Quais os assuntos da ordem do dia?

Situamos este estudo, que possibilita entender, como objeto de pesquisa, as representações e práticas jornalísticas na revista *Cigarra*. Dessa forma, o contato com seus escritos reafirma a preocupação em desvelar e interpretar as crenças, os valores e as atitudes que expressam em representações e práticas culturais de uma determinada sociedade. De acordo com Barbosa (2004), falar de um veículo de uma determinada época é, obrigatoriamente, referir-se à cidade, na qual, estava inserido e às relações sociais culturais determinantes nessa cidade. É importante perceber a dinâmica do veículo em relação a uma dinâmica social mais ampla.

Instigados na tentativa de responder às referidas indagações, é que nos propomos a desenvolver esta pesquisa, que oferece sua parcela de contribuição à História do Jornalismo, especialmente em Natal. Buscamos, portanto, reconstituir o cenário social e intelectual da sociedade potiguar, por meio da revista *Cigarra*, publicação de destaque na década de 1920.

Entendendo que a construção da história é uma atividade que envolve diversas relações, buscamos, então, olhar para o passado sem esquecer o presente. A escrita registrada na revista *Cigarra*, que é, na verdade, testemunho ou registro histórico, expressa as experiências e práticas cotidianas que, segundo Chartier (1994), permitem-nos entender, de maneira particular, uma problemática mais ampla, que, em condições mais específicas, podem ser tão valiosas quanto as análises realizadas nos estudos das grandes abordagens.

Recorremos à Nova História Cultural, pois possibilita uma nova forma da história trabalhar a cultura, de pensá-la como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. É, ainda, uma forma de expressão e tradução da realidade, que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Dessa forma, mudou e voltou-se o olhar da história para, também, outras questões e problemas, para outros campos e temas. Não buscamos mais a posse de documentos

ou de verdades definitivas. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma pode vir a ser contado de outra. Tudo o que, hoje, acontece terá, no futuro, várias versões narrativas. A presença da História Cultural possibilita a reinvenção do passado. Reinvenção esta que se constrói na contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão.

Essa divisão sugere, de um lado, a história tradicional, propondo uma visão macro; do outro, a presença da história no campo cultural, que desloca sua atenção, também, para a história de homens e mulheres comuns, preocupando-se com suas práticas culturais e suas experiências com o mundo, como afirma Chartier (1994).

As concepções tradicionais são questionadas e a historiografia mais recente tem repensado, demasiadamente, sobre o significado do 'documento' e foi a partir de redefinições nesse aspecto que os jornais, ou a imprensa, passaram a ser novos objetos da história.

Estudiosos brasileiros, valendo-se do aporte teórico da História Cultural, têm produzido pesquisas sobre a temática que desvela e consolida a análise da fonte-jornal para reconstituir espaços de representação de momentos particulares da realidade. Tais autores têm buscado "demonstrar como os meios de comunicação de massa e, mais especificamente, os jornais, ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social" (ENNE, 2004, p. 19). Destacamos a presença incisiva das pesquisadoras Marialva Barbosa, Mary del Priore, Jane Soares de Almeida, Maria Helena Capelato, Isabel Lustosa, Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca.

Essa concepção de fazer história abriu caminho para a construção deste objeto de estudo, evidenciando o desejo de registrar e revelar, através dos textos jornalísticos presentes na revista Cigarra, as configurações de uma sociedade, particularmente a natalense, na década de 1920.

O que pretendemos analisar são práticas enquanto representações. A imprensa, ao invés de espelho da realidade, passou a ser concebida como espaço de representação do real.

Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento põe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas (CAPELATO, 1994, p.24).

Caminhamos ao encontro das ações, práticas e maneiras de fazer. Práticas essas que buscamos, por meio de diversas fontes (não se pode estudar isoladamente a revista Cigarra, mas em relação com outras fontes, que ampliem sua compreensão), elucidar, em parte, os movimentos da sociedade natalense. "As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos procedimentos". (CERTEAU, 2003, p.109).

O que Certeau (2003) procura esclarecer é que a investigação das maneiras de fazer não corresponde na análise e no estudo focado apenas nos esquemas de ações individuais de determinados sujeitos, mas na forma como eles se relacionam e interagem. Ou

seja, através das práticas de escrita presentes na revista Cigarra, é possível compreender como operam e articulam os indivíduos na sociedade, no seu espaço e no seu tempo.

O conceito de representação seria, a partir do pensamento de Chartier (1990), compreender e decifrar a realidade do passado, por meio das suas representações, as quais seriam originadas pelas práticas políticas, culturais e sociais, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam si próprios e o mundo.

Tendo como referência essa reflexão, entendemos, metodologicamente, a representação como algo que passa pela apreensão do real, pelo indivíduo, em práticas isoladas, bem como pela sua participação na sociedade, enquanto sujeito situado no tempo e no espaço, historicamente definido.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2004, p. 39).

Os escritos registrados na revista Cigarra, por exemplo, representam as maneiras de agir, pensar e sentir no interior dos conflitos e tensões da vida cotidiana do meio social de sua época. Permitem, portanto, interpretações de experiências e práticas de homens e mulheres que particularizaram aquela sociedade.

Em cada formação, as interdependências existentes entre os sujeitos ou os grupos se distribuem em séries de antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados, que são a própria condição de sua possível reprodução. No centro das figurações móveis, ou seja, no centro do processo de figuração, se estabelece um equilíbrio flutuante das tensões, um movimento pendular de equilíbrio das forças, que oscila ora para um lado, ora para o outro. Esses equilíbrios de forças flutuantes incluem-se entre as particularidades estruturais de qualquer figuração. (ELIAS, 2001, p. 14).

Vinculamos, então, o nome da revista à estrutura das relações que permeiam o seu contexto social, levando em consideração as mudanças pelas quais passava a sociedade natalense naquele período histórico.

3. PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA REVISTA CIGARRA

A revista Cigarra foi lançada em novembro de 1928, ano de muita agitação e fatos importantes para a historiografia norte-rio-grandense. O quinto e último número circulou em março de 1929. As páginas dessa publicação retratavam determinados momentos da história, como a inauguração do estádio de futebol Juvenal Lamartine, entre outros eventos sociais.

A publicação tinha, como diretor, o jornalista Aderbal de França; como secretário, Edgar Barbosa; e, como gerente, Ademar Medeiros. Sua redação ficava situada na avenida Tavares de Lyra, nº 57, na Ribeira, bairro histórico da cidade de Natal.

Em levantamento preliminar, observamos que os assuntos abordados na revista giravam em torno da economia, política, sociedade e literatura. No tocante aos gêneros jornalísticos, identificamos notícias, artigos e crônicas. Era uma publicação mensal e suas capas foram desenhadas pelo cartunista Erasmo Xavier.

Do mesmo nível de Ziraldo e Jaguar, o cartunista potiguar Erasmo Xavier nasceu no dia 31 de outubro de 1904. Sua obra foi marcada profundamente pelo movimento modernista brasileiro, depois de 1922. Logo cedo parte para o Rio de Janeiro, onde chega a atuar na Cia. De Teatro de Revista Feéries Tan-Tan, É visto viajando com grupo por várias cidades brasileiras, entre elas Vitória, no Espírito Santo. Existe uma fotografia que apresenta sua imagem. Em 1928 adoece vítima de tuberculose e retorna ao Estado, onde vai se tratar na cidade de Lajes, precisamente na residência de Lauro Pinto. O ponto mais marcante da presença de Erasmo Xavier em Natal foi sua participação na revista “Cigarra”, lançada em 1928. A publicação durou cinco edições e todas suas capas foram ilustradas pelo cartunista. (BORGES, 2007, p. 20).

A publicação teve boa aceitação pelos leitores e sua repercussão foi registrada pela imprensa natalense daquela época. Cartas e comentários foram enviados à redação da revista. Uma leitora entusiasmada com a circulação da primeira edição tem seu comentário publicado no periódico:

Saiu enfim a Cigarra, que era esperada ansiosamente pelo povo natalense. O primeiro número da Cigarra não podia ser melhor. O que mais gostei foi de “Morenas” [...]. Não sei porquê!.Porque também o sou? será? [...]. Estava tão bem recepto!. Que jeito teve Danilo para descrever as morenas. (CIGARRA, n.2, dez.1928, p. 15).

O trecho transcrito acima foi produzido pela leitora Asta Maria. O título da carta era ‘uma impressão sobre o 1º número de Cigarra’, e publicado na edição de número dois. Nessa mesma edição, de 50 páginas, as propagandas eram espalhadas entre as matérias e, às vezes, tinha uma página especialmente para elas.

A diagramação possuía aspectos interessantes como litogravuras que ornamentavam matérias e fotos, desenhos que incrementavam os poemas e poesias. Era uma característica da revista não escrever textos longos sobre fatos históricos, mas fotografá-los, muitas vezes sem conexão com o texto que o acompanhava. (MAIA, 2008, p. 71).

Encontramos, nesse exemplar, o registro de eventos e de pessoas relevantes no cenário nacional e local, como Luís Carlos Prestes; as primeiras votantes femininas; festa matuta realizada no então Teatro Carlos Gomes; homenagem à feminista Bertha Lutz; a chegada, à Natal, do Governador do Estado Juvenal Lamartine no avião compaignie; os aviadores italianos Ferrarin, Del Prete, que fizeram a travessia Roma-Natal, e o comandante Djalma Petit, entre outros.

A revista teve diversos colaboradores. Entre eles: Edgar Barbosa, Oscar Wanderley, Lauro Pinto, Luís da Câmara Cascudo, Ewerton Cortez, Damasceno Bezerra, Palmyra Wanderley e o poeta potiguar de importância nacional, Jorge Fernandes.

O segundo exemplar da revista teve um total de 51 páginas. Trouxe, entre seus destaques, a festa do América Futebol Clube; a entrega de prêmios do campeonato de 1927; a regata realizada no dia 15 de novembro, com a presença do Presidente do Brasil e do Governador Juvenal Lamartine e sua família. Os principais colaboradores dessa edição foram: Otacílio Alecrim, Aderbal de França, Damasceno Bezerra, Edgar Barbosa, J.M Furtado, Danilo, Nunes Pereira e Palmyra Wanderley.

A Cigarra abarcava as características progressistas que a cidade e o país estavam presenciando: os aviões que iam e vinham; a moda de Paris; a presença da feminista Bertha Lutz; e, na arte, a desconstrução da métrica e da rima na literatura, e das formas perfeitas nas artes plásticas. O objetivo era “construir uma nova forma de expressão, e assim o modernismo, mesmo que cheio de incongruências ideológicas conseguiu seus adeptos no país e na cidade. A revista proporcionava esse tom futurista sendo, então, a revista moderna de Natal” (MAIA, 2008, p.72).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo, ano 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 1995.

ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros**: político e educador militante. 2.ed. Natal: EDUFRN; Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte; Fundação José Augusto, 1998.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900 – 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Como escrever uma história da imprensa? In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2004. 1. CD-ROM.

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil**: metodologia. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/redealcar_inventario.htm>. Acesso em: 26 jan. 2012.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 1 História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria de comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BORGES, Yuri. Um livro de poemas modernista. **BROUHAHA**. Natal. Ano III, n. 8, p. 19-33, Mar./abr. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução por Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CÂMARA, Amphilóquio. **Scenários Norte-Riograndenses**. Rio de Janeiro: Emp. Ind. Editora “O Norte”, 1923.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARDOSO, Rejane. **400 nomes de Natal**. Natal (RN): Prefeitura Municipal de Natal, 2000.

CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. **Palmyra Wanderley e a educação da mulher no cenário norte-rio-grandense (1914-1920)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras**. Natal: IHG/RN, 1976.

_____. **História da cidade do Natal**. 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. 9. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Florense; Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1994.

CIGARRA. Natal, Ano I, n.1, p.50, nov. 1928.

_____. Natal, Ano I, n. 2, p.51, dez.1928.

_____. Natal, Ano II, n. 3, p.51, abr. 1929.

_____. Natal, Ano II, n. 4, p.79, ago. 1929.

_____. Natal, Ano II, n. 5, p. 83, nov. 1929.

- DIAS, Eliane Moreira. **A educação feminina no Rio Grande do Norte (década de 1920)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas – UFRN. Natal, 2003.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Tradução por Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Tradução Pedro Susseking. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- ENNE, Ana Lucia S. Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa. In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2004. 1. CD-ROM.
- FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908**. 2. ed. Natal: FJA ; Sebo Vermelho, 1998.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Problematizando Fontes em História da Educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, p. 99-118, jul./dez. 1996.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1994.
- _____; NORA, Pierre. **História: novos problemas, novas abordagens e novos objetos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LIMA, Pedro de. **Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano**. Natal: EDUFRN, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com/Arte; EDUSP, 1990. (Clássicos do Jornalismo Brasileiro 4).
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. **O problema da imprensa**. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923.
- LYRA, Carlos. **Natal através do tempo I**. Natal: Sebo Vermelho, 2001.
- _____. **Natal através do tempo II**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar categorias em história da educação e gênero. In: **Projeto história**. São Paulo, n. 11, p. 19-29, nov. 1994.
- LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. História oral: uma co-produção responsável. **Cartão espaço feminino**, São Paulo, v.3, n. 2. 1996.

- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.
- MAIA, Roberta. Cigarra (1928): a revista modernista. In: ROCHA NETO, Manoel Pereira da; CARVALHO, Isabel Cristine Machado de (org.). **Uma busca nos arquivos: a história da imprensa norte-rio-grandense**. Natal, 2008. p. 71-73.
- MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Edições do Sebo Vermelho, 2002.
- MELO FILHO, Murilo. **Rio Grande do Norte: imagem e palavra**. Natal: CO-SERN; Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 2000.
- MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa do Rio Grande do Norte (1909-1987)**. Natal: Fundação José Augusto, 1987.
- MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa brasileira**. A implantação. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MELO, Veríssimo de. **Calendário Cultural e histórico do Rio Grande do Norte**. Natal: CERN, 1976.
- MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de (Org.). **A mulher em nove versões**. Natal: EDUFRN, 2001.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; OLIVEIRA, Caio F. F. de. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: história e acervo**. Natal: DEI, 2005.
- NUNES, Clarice. História da educação: espaço do desejo. **Em aberto**. Brasília, v. 9, n. 47, p. 37-45, jul./set. 1990.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da educação e fontes**. Caderno ANPED, n. 5. Belo Horizonte, 1993. p. 7-64.
- ONOFRE JÚNIOR, Manoel. **Breviário da cidade do Natal**. V. 6. 2. ed. Natal: Clima, 1984.
- PESAVENTO, Sandra Jatayh. **História & história cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RAMOS, Marcos. **A imprensa em Natal**. 1986. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1986.
- RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Nacional, 1977.
- ROCHA, Ana Cláudia. **Jornal A República: uma reconstrução histórica da memória**. 2004. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Potiguar, Natal, 2004.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da; CARVALHO, Isabel Cristine Machado de (org.). **Uma busca nos arquivos:** a história da imprensa norte-rio-grandense. Natal, 2008. 195f.

SILVA, Carolina Barreto e. **Jornal O Natalense:** pioneiro na imprensa norte-rio-grandense. 2005. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Potiguar, Natal, 2005.

SOARES, Jamilson Azevedo. **Fragmentos do passado:** uma re(leitura) do urbano em Natal na década de 20. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – UFRN. Natal, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Cláudio Mello e. **Impressões do Brasil:** a imprensa brasileira através dos tempos. Rio de Janeiro: Práxis, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** uma história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.